

“A gente ‘tarracava’ mas também cuidava do outro”: a ‘queda’ como expressão cotidiana de lazer e bem-estar na Baixada Maranhense

 Mayrhone José Abrantes Farias ¹,  Raimundo Nonato Assunção Viana ²,  Alex Fabiano Santos Bezerra ³

¹ Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Coordenação do Curso de Educação Física Licenciatura; Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica – PPGEED/UFMA; Programa de Pós-graduação em Educação Física - PPGEF/UFMA. Avenida dos Portugueses, n. 1966. São Luís, Maranhão, Brasil. ^{2, 3} Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Autor para correspondência/Author for correspondence: mayrhone.farias@ufma.br

RESUMO. O estudo analisa a “queda” como luta/brincadeira tradicional presente no cotidiano da Baixada Maranhense, especialmente no município de Monção-MA, sua manifestação como expressão de lazer e bem-estar em um contexto educativo comunitário. Ancorado em uma abordagem qualitativa, o trabalho articula observação participante, entrevistas abertas e narrativas autobiográficas produzidas por professores da rede pública e membros da comunidade local. O referencial teórico-metodológico dialoga com a sociologia do cotidiano, a noção de técnicas corporais e estudos sobre corpo, cultura e territorialidade. Os resultados evidenciam que a “queda” se configura como luta/brincadeira marcada por gestualidades específicas, baseadas em agarres, desequilíbrios e projeções, desenvolvida predominantemente em espaços comunitários e naturais. A prática apresenta regras implícitas, orientadas pelo respeito mútuo, e situa-se em uma zona liminar entre o brincar, o lutar e o brigar. Ademais, revela-se como importante dispositivo de lazer, bem-estar e aprendizagem social, no qual o corpo aprende pela experiência, pela repetição e pela convivência intergeracional, em estreita relação com o território e com as dinâmicas socioculturais locais.

Palavras-chave: cultura corporal, memória coletiva, baixada maranhense.

“We ‘tarracava’ but also took care of each other”: the ‘queda’ as a daily expression of leisure and well-being in the Baixada Maranhense

ABSTRACT. This study analyzes the “queda” as a traditional form of fight/play present in the daily life of the Baixada Maranhense, especially in the municipality of Monção, Maranhão, as well as an expression of leisure and well-being within a community educational context. Grounded in a qualitative approach, the research articulates participant observation, open interviews, and autobiographical narratives produced by public school teachers and members of the local community. The theoretical-methodological framework engages with the sociology of everyday life, the notion of body techniques, and studies on body, culture, and territoriality. The findings reveal that the “queda” is configured as a fight/play practice marked by specific bodily gestures based on grips, imbalance, and projections, predominantly developed in community and natural spaces. The practice presents implicit rules guided by mutual respect and is situated within a liminal zone between playing, fighting, and quarreling. Furthermore, it emerges as an important device for leisure, well-being, and social learning, in which the body learns through experience, repetition, and intergenerational coexistence, in close relation to the territory and local sociocultural dynamics.

Keywords: body culture, collective memory, baixada maranhense.

“Nosotros ‘tarracávamos’, pero también cuidábamos del otro”: la ‘queda’ como expresión cotidiana de ocio y bienestar en la Baixada Maranhense

RESUMEN. El estudio analiza la “queda” como una lucha/juego tradicional presente en la vida cotidiana de la Baixada Maranhense, especialmente en el municipio de Monção–MA, así como una expresión de ocio y bienestar en un contexto educativo comunitario. Basado en un enfoque cualitativo, el trabajo articula observación participante, entrevistas abiertas y narrativas autobiográficas producidas por profesores de la red pública y miembros de la comunidad local. El marco teórico-metodológico dialoga con la sociología de la vida cotidiana, la noción de técnicas corporales y los estudios sobre cuerpo, cultura y territorialidad. Los resultados evidencian que la “queda” se configura como una lucha/juego marcada por gestualidades específicas, basadas en agarres, desequilibrios y proyecciones, desarrollada predominantemente en espacios comunitarios y naturales. La práctica presenta reglas implícitas orientadas por el respeto mutuo y se sitúa en una zona liminar entre jugar, luchar y pelear. Además, se revela como un importante dispositivo de ocio, bienestar y aprendizaje social, en el cual el cuerpo aprende a través de la experiencia, la repetición y la convivencia intergeneracional, en estrecha relación con el territorio y las dinámicas socioculturales locales.

Palabras clave: cultura corporal, memoria colectiva, baixada maranhense.

Introdução

As ações cotidianas acabam por conceber, a partir dos sujeitos que as protagonizam, uma relação de indissociabilidade com os corpos. Ou seja, as práticas corporais representam nos gestos e movimentos, as relações estabelecidas no dia a dia dos sujeitos, os seus modos de fazer, de ser e de sentir (Farias et al., 2024). Sendo assim, por meio das danças, brincadeiras, lutas e outras manifestações que compõem acervos da cultura corporal, é possível encontrar cicatrizes, marcas sociais históricas, assim como processos de cura e de sentidos de bem-estar construídos a partir do imaginário coletivo em cenários afastados dos grandes centros urbanos (Sousa et al., 2024).

Na esteira dessa reflexão, pode-se aportar também a discussão acerca da saúde mental em comunidades rurais e tradicionais. Isso porque diante das desigualdades territoriais que marcam o acesso a serviços de cuidado e acolhimento, o lugar do bem-estar exponencialmente tem ganhado centralidade no campo da produção científica, para além de contextos urbanos. Ressalta-se, nesse ínterim, que, em territórios rurais, ribeirinhos e quilombolas apresentam dinâmicas próprias de sociabilidade, nas quais práticas culturais e comunitárias desempenham papel fundamental na produção de bem-estar, bem como na mediação de conflitos (Dimenstein et al., 2016).

Nesse cenário, faz-se mister tensionar modelos universalizantes de saúde mental, habitualmente baseados em abordagens biomédicas, apresentando aspectos biologizantes e/ou individualizantes, para reconhecer formas locais de cuidado que emergem do cotidiano. Quando se menciona a noção de modelos universalizantes, desconsideram-se ou colocam-se em lugar de menor visibilidade os saberes e fazeres locais em que as soluções do bem-viver estão ancoradas na construção comunitária, fundamentalmente coletiva, consolidada de geração a geração. Sintomaticamente, a invisibilização desses saberes pode desembocar na reprodução de epistemicídios, ao passo que deslegitima práticas culturais que operam como dispositivos de cuidado coletivo (Signorini et al., 2024).

Em vista disso, há de se reconhecer que o processo de marginalização de algumas práticas corporais tradicionais não se limita à perda de manifestações culturais, mas constitui uma faceta dos processos de epistemicídio, ao passo que desmobiliza conhecimentos produzidos coletivamente, que acabam por enfraquecer ações comunitárias de cuidado e de promoção do bem-viver. Ao serem, por exemplo, reduzidas à condição de mera brincadeira, de conduta agressiva, ou até mesmo de um resquício folclórico perdido, tais práticas têm

enfraquecido seu potencial pedagógico. Por outro lado, seu reconhecimento abre espaço para a evidência de outras formas de manifestação de cuidado em saúde mental, nas quais o corpo e a partilha de experiências operam como mediadores de emoções, da construção de pertencimentos e da aprendizagem dos próprios limites e/ou continuidades da vida cotidiana.

É nesse horizonte de reconhecimento dos saberes e fazeres locais que se insere a presente pesquisa, cuja temática gira em torno da “queda”, uma luta/brincadeira amplamente difundida em diferentes municípios da Baixada Maranhense, caracterizada por confrontos corporais baseados em agarres, desequilíbrios e projeções. Tais compreensões perpassam, antes de tudo, o reconhecimento dessa manifestação cultural maranhense como prática corporal.

Visto que, conforme Silva et al. (2009), o conceito de prática corporal não se restringe a uma perspectiva de corpo biológico ou a um mero instrumento para a obtenção de saúde, trata-se, antes, de uma forma de linguagem e de um fenômeno cultural revestido de técnicas corporais que integram o acervo da cultura corporal. Nessa perspectiva, delineia-se uma compreensão de corpo e, conseqüentemente, de movimento humano, pautada pela subjetividade, que reconhece os sujeitos como produtores de sentidos e o corpo como território inscrito por símbolos e signos sociais. Assim, a “queda” extrapola a dimensão do gesto técnico, configurando-se como uma prática por meio da qual afetos e modos de pertencimento coletivos são produzidos e compartilhados. Depreende-se, portanto, que, ao duelarem por meio de seus corpos, os sujeitos compartilham memórias, transformando a luta/brincadeira também em uma forma de afirmação identitária.

Logo, a “queda” acaba por se configurar como uma experiência sensível, na qual se expressam tensões e disputas simbólicas. Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo compreender a “queda” enquanto luta/brincadeira tradicional presente no cotidiano da Baixada Maranhense, especialmente no município de Monção–MA, bem como expressão de lazer e bem-estar em um contexto educativo comunitário. Para tanto, parte-se dos sentidos e significados atribuídos a essa prática pelos sujeitos que a vivenciam, além das características socioculturais e geoambientais subjacentes, marcadas por uma rede de rios que estruturam os modos de vida locais. Esses rios conectam Monção a municípios circunvizinhos, como Pindaré-Mirim, Igarapé do Meio e Cajari, compondo um território no qual circulação, trabalho e lazer se entrelaçam e, por vezes, se confundem.

Ademais, a pesquisa situa-se no Projeto “Lutas corporais, cotidiano e educação física escolar: saberes comunitários e regionais maranhenses”, vinculado à coordenação do Curso de

Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), tendo sido aprovado em Comitê de Ética de pesquisa da UFMA, CAAE: 96329526.1.0000.5087. Ressalta-se, ainda, que o projeto se desenvolve no âmbito do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), programa que reconhece a trajetória profissional e os saberes prévios de professores em exercício. O PARFOR constitui um espaço formativo privilegiado para a valorização das experiências corporais vividas no cotidiano comunitário no interior maranhense, uma vez que proporciona espaços de interação com os sujeitos que constituem a rede de educação básica dos municípios aderentes ao programa.

Percursos metodológicos

A pesquisa corresponde a um trabalho de campo, de natureza exploratória e abordagem qualitativa. A base teórico-metodológica que alicerça tanto a produção quanto a análise dos dados está fundamentada na Sociologia do cotidiano, no intuito de buscar nas histórias de vida dos sujeitos, os enigmas que balizaram as suas experiências em um determinado “espaço-tempo” (Pais, 2009).

Além disso, as informações utilizadas no estudo foram produzidas no contexto da disciplina “Fundamentos e Metodologia do Ensino das Lutas”, entre fevereiro e março de 2026, no polo de Monção. Participaram 32 estudantes do PARFOR, com idades entre 28 e 65 anos, todos(as) professores(as) em exercício na Educação Básica, além de seis representantes da comunidade, com idades entre 45 e 72 anos, nativos(as) da Baixada Maranhense, totalizando 38 participantes.

Embora tenham participado do estudo 38 sujeitos ao todo, os registros diretos de 14 sujeitos foram selecionados para compor o *corpus* de pesquisa apresentado neste artigo. Para tanto, estabeleceu-se como critério a definição de uma amostragem intencional a partir da densidade narrativa, priorizando, assim, registros que apresentassem descrições mais detalhadas e que demonstrassem um potencial interpretativo mais evidente em relação aos eixos analíticos definidos. Contemplaram-se, nesse bojo, participantes oriundos de diferentes contextos territoriais do município, bem como faixas etárias e trajetórias de envolvimento com a prática. Ademais, para a apresentação dos excertos, foram adotados pseudônimos escolhidos pelos próprios participantes como forma de resguardar o anonimato.

Sendo assim, os sujeitos elencados foram: Moreno (42 anos); Vaqueiro (55 anos); Rosa (41 anos); Ramos (39 anos); Luz (37 anos); Girassol (45 anos); Chico Pescador (62 anos);

Guerreiro Sol (33 anos); Flor (40 anos); Tonho (65 anos); Kuára (39 anos); Jasmim (51 anos); Nonato (68 anos); Anjo (40 anos). Esses participantes residem em comunidades rurais, ribeirinhas e quilombolas de Monção - com destaque para os territórios quilombolas de Outeiro, Mata Boi, Jutaí, Castelo, São Raimundo -, além de municípios circunvizinhos, o que possibilitou a emergência de narrativas diversas acerca da “queda”.

A produção das informações ocorreu por meio de três procedimentos metodológicos principais. O primeiro consistiu na observação participante (Geertz, 2008), realizada ao longo das aulas da disciplina e de visitas às comunidades, permitindo o acompanhamento de interações, debates, gestualidades e situações nas quais a “queda” era evocada, narrada ou demonstrada. As observações foram registradas em diário de campo elaborado pelo professor-pesquisador, contemplando descrições das situações vivenciadas, conjuntamente com impressões analíticas preliminares consideradas relevantes para a compreensão do fenômeno investigado. Esse processo de imersão em campo possibilitou aprender a prática não apenas como discurso, mas também como experiência incorporada, vivida e compartilhada no espaço formativo e comunitário.

O segundo procedimento consistiu na realização de entrevistas abertas, conduzidas de forma processual. Com os discentes do PARFOR, os diálogos ocorreram coletivamente durante um encontro da disciplina em sala de aula, momento este reservado a discussões sobre lutas em contexto regional. Por sua vez, com os representantes da comunidade, as entrevistas foram mediadas pelos próprios discentes e realizadas individualmente em suas residências, de modo a propiciar um ambiente acolhedor e propício à partilha das vivências. Mediante autorização prévia dos participantes, os depoimentos foram registrados por meio de gravação em áudio e complementados por anotações de campo, sendo posteriormente transcritos na íntegra. Essa estratégia estimulou a livre expressão dos sujeitos, permitindo a narração de memórias, percepções e sentidos atribuídos às lutas e brincadeiras corporais vivenciadas em seus contextos comunitários, valorizando saberes experienciais e modos locais de significar a “queda”.

O terceiro procedimento metodológico consistiu na elaboração de narrativas autobiográficas, nas quais os sujeitos foram convidados a refletir sobre suas trajetórias corporais, experiências com lutas e brincadeiras e os significados atribuídos à “queda” no cotidiano. As narrativas foram produzidas individualmente, em momento posterior às discussões coletivas, com o intuito de viabilizar a reflexão de experiências nem sempre podiam

ser verbalizadas nos encontros coletivos. Posteriormente, os textos foram digitalizados, organizados e integrados aos demais registros de campo.

A análise das informações deu-se por meio de triangulação metodológica, abrangendo os dados provenientes das observações participantes, das entrevistas abertas e das narrativas autobiográficas, articuladas às contribuições do referencial teórico adotado. Inicialmente, procedeu-se à leitura dos registros empíricos, seguida da organização desses documentos em unidades de significado, nesse caso, relacionadas ao objeto investigado. Em um segundo momento, tais unidades foram organizadas e interpretadas à luz da Sociologia do Cotidiano, particularmente dos pressupostos de José Machado Pais (2003, 2009), buscando o processo de “escavação do cotidiano”, identificando recorrências, distinções e possíveis ambiguidades presentes nas narrativas. Nessa perspectiva, a interpretação assumiu caráter compreensivo, entendendo o cotidiano como espaço privilegiado de produção de sentidos, no qual os "enigmas" da vida social podem ser desvelados a partir dos indícios presentes nas experiências dos próprios sujeitos.

A partir dos procedimentos descritos, foram definidos, a priori, dois eixos analíticos. O primeiro compreende as características constitutivas da “queda”, a partir das impressões e expressões nativas, compreendendo os espaços de prática, os aspectos relacionados ao início dos embates, os gestos técnicos, as regras implícitas, entre outros. O segundo eixo aborda a “queda” como objeto de aprendizagem social e memória coletiva, abarcando a luta/brincadeira como técnica corporal, forma de representação e relação entre corpo e território; constitui, ainda, um espaço de entrelaçamento cultural e de experiência “liminar”, situada entre o brincar e o brigar, o lúdico e a violência.

No que se refere aos aspectos éticos, destaca-se que a colaboração dos sujeitos ocorreu de forma voluntária, mediante esclarecimento prévio acerca dos objetivos da pesquisa, garantia de confidencialidade das informações e possibilidade de desistência a qualquer momento, sem qualquer prejuízo acadêmico aos estudantes vinculados à disciplina. Considerando a dupla condição dos discentes como estudantes e participantes da investigação, assegurou-se que a decisão pela participação não repercutisse nos processos avaliativos da disciplina, preservando a integridade da produção científica.

Apresentando características gerais da “queda” com base nos sujeitos locais

Em linhas gerais, as narrativas dos sujeitos evidenciam a “queda” como uma prática corporal ainda presente no cotidiano de comunidades de Monção/MA, embora com menor expressividade em comparação a períodos anteriores. As informações obtidas com os participantes revelam uma significativa carga simbólica associada à manifestação, a qual envolve a construção de identidades e o sentimento de pertencimento.

No que se refere à relação entre a prática e a dinâmica social local, Moreno afirma que “... no meu tempo quase todo menino sabia pegar queda, era como saber correr ou nadar, fazia parte da infância”. De forma semelhante, Vaqueiro relata que “... a gente aprendia cedo a cair no chão, porque aqui o chão nunca foi liso, era barro, lama, areia”. Já Rosa destaca que “... a queda fazia parte da criação da gente, ninguém estranhava, era normal”.

Os participantes descrevem, ainda, que aprender a “pegar queda” ocorre de maneira articulada a outras aprendizagens corporais do cotidiano. Segundo Moreno, “... a gente aprendia olhando os outros, tentando, caindo e levantando de novo”. Vaqueiro complementa o raciocínio, apontando que “... não tinha quem ensinasse, era no dia a dia mesmo”.

A partir desses excertos que tematizam a “queda”, pode-se conceber a compreensão de corpo como elemento primordial no processo de socialização (Le Breton, 2007). Isso ocorre porque as ações corporais - da juventude à vida adulta - estão circunscritas em padrões culturais que influenciam tanto a atividade perceptiva quanto a forma como se constrói a relação do indivíduo com o mundo. Nessa mesma direção, o processo educativo voltado ao sujeito social incide diretamente sobre o corpo.

No que diz respeito aos espaços de prática, estes podem ser observados nos seguintes relatos: Ramos afirma que “... a maioria das quedas era no quintal ou na rua de barro, quando chovia ficava melhor ainda pra brincar”. Luz acrescenta que “... no chão molhado a gente escorregava mais, então quem tivesse equilíbrio levava vantagem”. Girassol destaca a diversidade desses cenários: “... tinha queda na areia, no barro e até dentro d’água, quando a brincadeira era de empurrar pro rio”.

Essas variações espaciais implicavam mudanças na forma de lutar. Ramos explica que “... na areia dava pra usar mais força, mas no barro tinha que ter mais cuidado pra não se machucar”, ao passo que Luz pondera que “... quem conhecia o terreno já entrava sabendo onde pisar”. Ilustrando essa relação com a natureza local, Chico Pescador descreve: “Tirar

queda na beira do rio era coisa boa. A gente suava que o braço deslizava. Aí a gente se banhava. Depois do mergulho era só um provocar ou chamar pra quedar e começava ...”.

Os relatos indicam que a “queda” se desenvolve predominantemente em espaços que podem ser considerados de natureza comunitária, tais como ruas, quintais, beiras de rio, alagados, campos de areia, embarreirados. Esses locais integram o cotidiano dos sujeitos e configuram-se como territórios de sociabilidade e lazer. Contextualmente, esses espaços, não apenas favorecem a prática, como também influenciam sua dinâmica, ao passo que exigem adaptações corporais que implicam desafios aos participantes.

Além dos espaços mencionados, os recortes dos sujeitos evidenciam aspectos relacionados ao início dos embates e/ou confrontos. As informações registradas indicam que as disputas, na maioria das vezes, surgem de forma espontânea, a partir de interações informais entre os participantes, frequentemente associadas a momentos de lazer - como jogos de futebol, banhos de rio e outros encontros comunitários. O início pode ocorrer por meio de provocações, desafios diretos ou até mesmo contatos corporais imediatos e/ou abruptos.

Entre as provocações, destacam-se expressões como chamar o outro de “frouxo”, “fraco” ou “mole”, que funcionam como estratégias de engajamento ou mecanismos de ativação da prática. Também são mencionados apelidos e xingamentos direcionados a membros da família do oponente.

Tais estratégias revelam um caráter ambíguo nas interações. Conforme Luz, as ações eram “... vistas como brincadeiras, porém em alguns momentos eram também vistas como ofensas”, gerando, simultaneamente, incômodos e estímulos à interação por meio da luta/brincadeira. Guerreiro Sol acrescenta que “Também alguém do grupo sempre dava um empurrão leve em um dos desafiantes para que ele ‘esbarrasse’ no outro, servindo de estopim para o agarrão inicial.”

Diante desses relatos, observa-se que as provocações desempenham papel estruturante no desencadeamento dos confrontos. Ao mesmo tempo, expressam a ambivalência característica da “queda”, situada em uma zona de fronteira entre briga e brincadeira. Nessa dinâmica, os limites são constantemente negociados, uma vez que são culturalmente construídos e enraizados nas formas locais de sociabilidade.

Conforme Elias e Dunning (1992), determinadas atividades possibilitam o rompimento com comportamentos esperados na vida social, o que favorece o extravasamento de impulsos

regulados pelo processo civilizador. Nesse sentido, as brincadeiras podem reproduzir sentimentos recorrentes da vida cotidiana, como raiva, medo e vertigem.

Ademais, Elias (1997) argumenta que as estruturas de personalidade são orientadas para a pacificação e o controle da violência, sobretudo a física. Ainda assim, o autor reconhece que os indivíduos se desenvolvem por meio de suas vivências, inclusive as conflituosas, as quais mimetizam aspectos da realidade social.

Portanto, as características que fundamentam a “queda” relacionam-se diretamente às trajetórias de vida dos sujeitos. Por meio das interações corporais, eles constroem formas particulares de brincar e lutar, expressas nos gestos técnicos que compõem o acervo da cultura corporal de Monção e região.

No que se refere aos gestos técnicos, a prática organiza-se a partir de uma lógica cujo contato direto entre os corpos é premissa básica, caracterizada pela proximidade e pela busca constante pelo desequilíbrio do adversário. Destacam-se, nesse cenário, ações intensas de agarre e de encaixes corporais dinâmicos, intermediadas por movimentos de empurrar, puxar, deslocar e desestabilizar, os quais desembocam na “derrubada”.

Nesse processo, evidencia-se o uso do corpo em sua totalidade, com giros, torções e mobilização do tronco e do quadril, além do uso recorrente das pernas, por meio de “pernadas”, “rasteiras” e “calços”, como estratégias para interromper a base de apoio do oponente.

Sobre essas características, Guerreiro Sol afirma que “... era muito no agarrar, puxar pelo tronco, rodar o corpo e usar a perna pra calçar”. Flor acrescenta que “Tem muitos empurrões, tentativas de desequilíbrio, agarrões, esquivas, uso do peso do corpo e segurar o outro bem forte.” Na mesma linha, Luz destaca que “... quem sabia usar a perna derrubava rápido”, enquanto Ramos sintetiza: “... não era só força, era jeito, quem não tinha jeito cansava logo...”.

O relato de Tonho apresenta maior detalhamento:

A gente ‘tarracava’ no ‘cabra’ com as mãos cruzadas nas costas. ‘Garrava’ mesmo! Abração bruto pra se agoniar pra sair. Aí dependia de como ele se movimentava tentava carregar pelas pernas ou dava uma pernada também pra desequilibrar e derrubar ... Cada um chamava de um nome e pra mim tudo era ‘quedar’. Tinha que ter força nos braços e nas pernas... Não podia era ir na covardia e não respeitar o outro.

Esse registro, além de descrever aspectos técnicos da luta, evidencia a existência de regras implícitas, construídas coletivamente e transmitidas pela experiência. Sobre esse código de conduta, Flor pontua: “... existiam regras, como não machucar de verdade, parar quando

alguém pedisse, não usar objetos e respeitar os limites do outro.” Guerreiro Sol acrescenta que “... não podia morder, não podia socar e nem apertar partes íntimas”, ponto também sublinhado por Vaqueiro “... se fizesse isso já não era queda, era briga”. Ramos menciona também sanções simbólicas: “... quem brigava demais ficava mal falado e ninguém queria mais cair com ele.” Nessa esteira, Rosa conclui que “... o respeito vinha de saber brincar direito”.

Essas regras organizam-se em torno do princípio de não ultrapassar o “limite do respeito”, evitando ações que possam causar danos mais graves. Embora alguns relatos apontem ausência de regras, tal percepção sugere, na realidade, um modelo de regulação difuso, sustentado por acordos tácitos e pela dinâmica específica de cada grupo.

Nessa perspectiva, Barreira (2010) destaca a diferença entre briga e duelo. Para o autor, a briga implica a “coisificação hostil” do outro, enquanto o duelo pressupõe reconhecimento mútuo e disposição compartilhada para o enfrentamento. Nesse sentido, a “queda” contribui para compreender a luta - situada no âmbito da brincadeira - como elemento de identidade coletiva que envolve dimensões como gênero, imaginário da violência e educação do corpo.

Nesse contexto, destaca-se o relato de Chico Pescador:

A gente tirava queda as vezes pra resolver uma picuinha, mas tinha regra, não era de qualquer jeito não. Mas no geral era todo mundo amigo. Só que mesmo amigo ninguém quer apanhar na queda né?! Só que o objetivo não era machucar, só se o cara já fosse na maldade aí virava briga real. Mas no geral era todo mundo na boa, na brincadeira saudável. A gente começava, agarrava e derrubava. Ganhou ganhou, perdeu perdeu!

O excerto também permite compreender critérios de vitória. Na maioria dos casos, a vitória é atribuída à derrubada do adversário. Em algumas situações, considera-se também o domínio corporal no solo por meio de imobilização por determinado tempo, variável conforme o grupo. Em outros casos, a desistência do oponente pode definir o resultado, havendo ainda situações em que não há delimitação clara de vencedor, reforçando o caráter lúdico da prática.

Além disso, os registros revelam nuances comportamentais nas interações, pois os gestos de combate podem, dependendo do contexto, assumir significados distintos, indicando ou não agressão intencional. Nesse sentido, o gesto abre espaço para múltiplas interpretações, de modo que a brincadeira pode ser compreendida como “a luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa” (Huizinga, 2005, p. 16). Em determinados momentos, evidenciam-se hierarquias - como vencedor e vencido, forte e fraco -, ao mesmo tempo em que se configuram espaços de interação e descoberta corporal.

Nessa mesma direção, Barreira (2010) aponta que as práticas de luta transitam entre a violência da briga, a formalidade do duelo e o caráter lúdico. Ao mesmo tempo que podem carregar tensão e hostilidade, tais práticas também permitem sua ressignificação como brincadeira, como destaca o autor:

Na distensão do desafio da luta que ocorre na brincadeira, passa-se para outro lado da tangente onde a luta torna-se objeto do espírito lúdico. E como brincadeira a luta pode ser representativa – isto é, aludir a um duelo, a uma briga – ou primária, isto é, não representar nada, mas dar-se como um jogo corporal em que um e outro se tateiam empenhadamente procurando restringir a mobilidade do parceiro e, justo por se colocarem adversamente nesta relação, tornam-se adversários recíprocos (Barreira, 2010, p. 3).

Assim, a “queda”, conforme relatada pelos sujeitos, apresenta múltiplas facetas, tornando por vezes tênues as fronteiras entre luta e brincadeira. Independentemente dessas variações, as manifestações se estruturam a partir de representações de combate, operacionalizadas de modos distintos. Nesse contexto, o que define o caráter da interação não é o confronto em si, mas a intencionalidade que o orienta.

Aprendizagem social, lazer e bem-estar coletivo na “queda”

Sob um ponto de vista histórico, a Educação Física brasileira durante algum tempo esteve associada única e exclusivamente à formação de corpos saudáveis, disciplinados e produtivos, influenciada por perspectivas higienistas, militaristas e biomédicas. Tais perspectivas compreendiam a noção de saúde e bem-estar atrelada à ausência de doenças ou como resposta direta à prática de exercícios físicos (De Oliveira, 2019).

Essa compreensão mostrou-se reducionista, uma vez que estabelecia uma relação linear entre atividade física e saúde, desconsiderando ou pormenorizando fatores psicológicos, sociais e/ou culturais envolvidos nos processos saúde-doença. Todavia, as transformações no campo epistemológico da área abriram espaço para a criação e o aperfeiçoamento de abordagens que passaram a compreender a Educação Física como um campo de intervenção comprometido com uma formação integral e multidimensional (Bracht, 1999; Soares et al., 1992).

Na esteira dessas reflexões, De Oliveira et al. (2015) pontuam que a saúde se relaciona às possibilidades de autonomia dos sujeitos, enquanto Bracht (2013) ressalta a necessidade de compreender criticamente as práticas corporais e seus impactos no cotidiano, abrangendo aspectos da vida social e processos de educação para a saúde. Nesse sentido, as práticas de lazer podem representar importantes manifestações tanto para o fortalecimento da identidade cultural

quanto para a manutenção da saúde e da qualidade de vida em seu sentido comunitário (Freitas et al., 2009). Contextualmente, em pesquisa desenvolvida em uma escola rural na Região do Bico do Papagaio, em Tocantinópolis (TO), identificaram-se, em desenhos produzidos por crianças locais, associações da saúde e da qualidade de vida com aspectos da vida cotidiana, incluindo as brincadeiras, além de aspectos diversos associados à vida no campo e à natureza. (Santos et al., 2023).

Tomando como ponto de partida essas reflexões, o conjunto de falas acessadas descortina uma compreensão da “queda” como uma prática envolvida por uma teia de aprendizagens que impactam as compreensões de saúde e bem-estar, estruturadas a partir de alguns “nós”, entre os quais se destacam o território, o bioma e as dinâmicas históricas locais. Em Monção e em cidades vizinhas, os processos de interação mediados pelo corpo, conforme descritos pelos sujeitos, articulam-se às experiências vividas em ambientes cujos principais cenários são os rios e igarapés que banham a região, utilizados tanto para o contexto laboral quanto para vivências no tempo livre.

A título de ilustração, a descida dos rios rumo ao mar encontra, em terras mais baixas, os campos alagados da Baixada Maranhense. Essa dinâmica, marcada pela sazonalidade das águas, cria um espaço de práticas corporais diversificadas. Nessas áreas, costumes diversos foram repassados entre gerações e entre lugares, haja vista que os rios eram os únicos meios de comunicação entre esses povos em tempos mais antigos.

Nesse contexto, as experiências corporais relatadas dialogam diretamente com o que Mauss (2003, p. 401) define como técnicas corporais. “... maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”. O autor convida à observação dos gestos cotidianos, fundamentais para compreender as tessituras que articulam corpo e espaço. Portanto, ao aprenderem a cair, a (des)equilibrar-se e a retomar o controle do próprio corpo, os sujeitos não evidenciam apenas a luta em si, mas também modos de uso do corpo ancorados no cotidiano, na memória e na história local.

Nesse sentido, destaca-se o excerto de Kuára: “Essas práticas fazem parte da cultura da região e representam costumes que foram passados de geração em geração. Elas refletem a forma como as crianças e jovens se relacionavam, utilizavam os espaços da comunidade e valorizavam o convívio coletivo.”

Em consonância com essa reflexão, Girassol compartilha:

A queda me fez refletir sobre como aprendemos a usar o corpo. Se fomos incentivados a nos expressar ou se fomos reprimidos, se sentimos liberdade ou vergonha, se o corpo era visto como força, como problema ou como identidade. Assim, ajudou também a perceber que nosso corpo conta uma história, construída pelas experiências, pelos espaços e pelas culturas que vivenciamos.

Ademais, Tonho complementa: “Falar da queda é falar do meu pai, dos meus tios, irmãos. Dá até uma saudade boa, sabe?! Da gente brincando na beira do rio. Trocando força ...” Por sua vez, Rosa expõe: “Lembrei do meu tempo de criança brincando de luta com meus irmãos e colegas ... além das lutas brincávamos de roda e da bandeirinha guerrear. A queda me fez lembrar desse tempo. Uma experiência cheia de recordações.” Já Jasmim afirma que “A queda é uma brincadeira que fala muito da gente, da nossa cidade, dos banhos de rio, das brincadeiras.”

Acrescentando outros aspectos relacionados às experiências pessoais, Guerreiro Sol relata:

A queda me faz abrir um arquivo empoeirado da nossa memória física. Essas brincadeiras me fizeram lembrar que o nosso corpo foi moldado pelo movimento, pela terra e pela interação direta com o outro ... Lembranças da poeira que subia e entrava no nariz, da grama que pinicava as costas, o barro que deixava tudo escorregadio e mais difícil... Quando palavras como "sustança", "mandinga" ou "arrego" saem da minha boca para descrever uma situação de vida, nesse momento naturalmente estou ativando a mesma lógica de quem está na roda de queda, ou seja, é a cultura moldando a minha forma de pensar o mundo.

Essas falas evidenciam que o corpo aprende antes da consciência reflexiva, por meio da repetição e da experiência compartilhada. O território, nesse sentido, não se configura como mero cenário, mas como agente ativo do processo formativo. Em diálogo com Ingold (2015), compreende-se que os corpos aprendem “com” o ambiente, e não “sobre” ele. Assim, a Baixada Maranhense, marcada por rios e terrenos enlameados, contribui para a formação de corpos atentos ao desequilíbrio, à adaptação constante e à leitura sensível do espaço.

Na esteira dessa discussão, Vaqueiro afirma que “... o corpo da gente já vinha treinado da vida no barro e na água”, enquanto Moreno reforça que “... quem cresce na Baixada aprende cedo a cair e levantar, porque o chão nunca é firme”. Vaqueiro complementa: “... quem cresceu aqui aprendeu a cair no chão cedo, fosse brincando, fosse trabalhando”. Já Rosa sublinha que “... a queda fazia parte da nossa criação, era tão normal quanto brincar de bola”.

As técnicas corporais da “queda” emergem, assim, de uma relação contínua entre o corpo e a paisagem, na qual o ato de cair e levantar-se tornam-se aprendizagens necessárias à vida cotidiana. Nesse contexto, a variação da prática conforme o ambiente corrobora a leitura

de Sautchuk (2021) sobre a produção de corporalidades ribeirinhas, moldadas pela instabilidade e pela constante adaptação ao meio. O rio, portanto, ocupa lugar central como espaço de produção de sentidos e de transmissão de saberes corporais.

Outrossim, Ramos relata que “... muita coisa a gente aprendia no rio, nadar, empurrar, segurar o corpo do outro”, enquanto Girassol afirma que “... no rio a gente aprendia a se virar, a confiar no corpo”. Vaqueiro acrescenta que “... a gente aprendia vendo os mais velhos no rio”, evidenciando que a aprendizagem ocorre por observação, imitação e convivência intergeracional.

Esse processo de educação do corpo produzido no cotidiano está, notoriamente, atrelado à história social da região. Isto é coadunado com o fato de a Baixada Maranhense ter sido marcada, desde o período colonial, pela presença significativa de populações negras escravizadas, trazidas principalmente para o trabalho agrícola e para a criação de gado em campos alagáveis. Ademais, alguns dos sujeitos da pesquisa relataram que os rios funcionavam como vias de circulação de pessoas, mercadorias e culturas, constituindo espaços centrais da vida social e econômica.

Nesse contexto, é possível compreender que a "queda" está inserida em processos históricos amplos, os quais incluem questões de circulação, transmissão e até mesmo reinvenção de saberes. Apesar das informações obtidas não permitirem afirmar uma associação direta dessa luta/brincadeira a práticas específicas de matriz africana, os indícios presentes nas narrativas - como a centralidade dos ambientes aquáticos, a aprendizagem incorporada e a transmissão intergeracional de técnicas corporais - sugerem a hipótese de uma aproximação com aspectos culturais afrodiaspóricos, a qual demanda investigações históricas complementares. Nesse bojo, cabe sublinhar que, mais do que estabelecer uma origem única para essa prática, intenciona-se reconhecer a "queda" como expressão de uma memória coletiva e de um patrimônio de saberes corporais construídos no cotidiano de Monção e, ao que tudo indica, de outras comunidades da Baixada Maranhense.

Na esteira dessa discussão, a título de exemplo, Guerreiro Sol, morador da comunidade quilombola de Mata Boi, afirma que “... a queda não é coisa de força bruta, é de corpo solto”, enquanto Jasmim, moradora da comunidade quilombola de Outeiro, destaca: “Assim como no tambor, no (bumba-meu) boi, na queda e tudo que é da nossa cultura, tem influência do negro, do índio. Somos uma mistura que acaba aparecendo nas nossas danças e brincadeiras ...”.

As falas apontam para uma compreensão das práticas corporais como expressões marcadas por influências afro-brasileiras e indígenas. Ao mesmo tempo, a presença portuguesa no processo de colonização também deixou marcas na organização simbólica dessas práticas. Conforme assinala Faria (1996), grande parte dos jogos populares no Brasil possui origem europeia, tendo sido introduzida no país durante os processos de colonização e imigração. Nessa perspectiva, a obra de Cabral (1985), *Jogos Populares Portugueses*, apresenta a “Maluta” ou “Queda”, uma forma de luta tradicional com semelhanças à luta greco-romana, praticada em diversas aldeias.

Cabral descreve essa prática como tecnicamente simples, típica de contextos rurais, na qual os participantes se engajam em confrontos corporais com o objetivo de projetar o adversário ao solo. Nesse sentido, afirma: “Na Maluta ou Queda, os dois lutadores agarram-se, passando um dos braços por cima do ombro do adversário e o outro por baixo, entrelaçando os dedos das mãos ...” (Cabral, 1985, p. 180-181).

Segundo o autor, tais confrontos são marcados por uma dimensão ética baseada no respeito mútuo, mesmo após a disputa. Essa característica aproxima-se de aspectos observados na “queda”, especialmente quanto à centralidade do espaço rural, à lógica técnica de agarres e projeções e à manutenção de vínculos sociais após o embate.

Essas aproximações suscitam a hipótese de que a “queda” pode ter sido constituída por processos de hibridização cultural, nos quais diferentes matrizes socioculturais se entrelaçam, conferindo-lhe especificidades locais e configurando-a como uma manifestação genuinamente maranhense.

De acordo com Cascudo (2012), lutas e brincadeiras corporais populares brasileiras apresentam paralelos em outros contextos culturais. A título de exemplo, manifestações europeias, africanas e indígenas compartilham estruturas baseadas no corpo a corpo, em agarres e no controle do adversário. Tais elementos podem sugerir que a “queda” seja uma prática resultante de processos históricos de circulação cultural.

Além disso, cabe ressaltar que os registros do campo sugerem que a “queda” apresenta aproximações com o tarracá, luta corporal conhecida no Maranhão e popularizada nacionalmente por Rei Zulú, lutador de vale-tudo nas décadas de 1980 e 1990. Com efeito, parte significativa dos participantes, moradores da região, trata as manifestações como sinônimas, destacando semelhanças quanto ao predomínio dos agarres, à busca pelo desequilíbrio e à projeção ao solo, além da presença de uma atmosfera lúdica implícita nos

embates - elementos que permitem problematizar possíveis similaridades ou continuidades históricas entre práticas corporais de luta presentes no cotidiano comunitário e aquelas posteriormente ressignificadas no campo esportivo.

Ademais, na fala de Tonho, observa-se:

A queda é brincadeira, esporte, coisa saudável. Só deixa de ser quando um não quer respeitar o outro, aí vira briga ... As vezes quando um abestado mela a boca de cachaça e não sabe brincar, dá problema. Mais aí não é mais esporte. Na maioria das vezes que eu tirava queda era só com gente que sabia respeitar cara de homem...

O relato evidencia a natureza ambígua da “queda”, situada entre o brincar e o brigar, o lúdico e a violência, com sentidos constantemente negociados. Por conseguinte, diversos participantes indicam que a prática “começa na brincadeira”, mas pode “virar coisa séria”, dependendo da condução do confronto.

Nonato relata: “Na queda agente ‘tarracava’ mas também cuidava do outro... na esportiva, mas as vezes tinha gente que apelava e virava briga de verdade. Aí não tinha regra, nem nada, era todo mundo cego na pancada. Mas não era sempre.” Anjo recorda que “... às vezes um riscava o chão chamando, pra queda quem pisasse ali não podia correr ... quando alguém exagerava, o clima mudava na hora”. Rosa observa que “... quando os dois estavam no mesmo espírito, era só brincadeira, todo mundo ria”. Em contrapartida, Girassol aponta: “... dava pra perceber quando a queda ia virar briga”.

A partir dos relatos, embora não se identifiquem explicitamente expressões como "saúde mental" ou "cuidado coletivo", é possível perceber elementos associados à produção comunitária de bem-estar. As referências ao respeito mútuo, ao reconhecimento dos limites do outro, ao controle dos excessos, ao riso compartilhado, evidenciam que o bem-estar é compreendido, nesse ínterim, como prática comunitária, modulada por dispositivos de cuidado, reconhecimento do outro e de favorecimento de redes de apoio (Dimenstein et al., 2016).

Apesar disso, não se desconsideram a ambiguidade e os riscos inerentes aos confrontos corporais. Isso ocorre porque as informações produzidas em campo sugerem que a "queda" se situa em uma zona de liminaridade, transitando entre brincar, brigar e lutar. Turner (1974) compreende a liminaridade como um estado de transição marcado pela ambiguidade e pela suspensão de classificações rígidas. Nesse limiar, a prática é regulada por códigos tácitos de conduta, nos quais o controle da violência e a manutenção da interação são fundamentais, dialogando com Elias (1990) sobre os processos civilizatórios.

A partir desses elementos, infere-se que os gestos de luta, ao serem incorporados às interações, produzem interpretações ambíguas, uma vez que os sentidos atribuídos às experiências de confronto corporal são socialmente construídos (Farias & Wiggers, 2021, 2024). Nessa perspectiva, o corpo mobiliza conceitos sensibilizantes que fundamentam o significado das condutas sociais (Blumer, 1980).

Ao se “atarracarem”, seja em contexto de brincadeira, conflito ou disputa, os sujeitos acionam símbolos produzidos na interação social. Os gestos não expressam apenas motivações individuais, mas constituem objetos sociais resultantes do ambiente e das relações estabelecidas. Desse modo, observam-se liminaridades permeadas por fragmentos da vida cotidiana que atuam na construção das identidades. O corpo, portanto, configura-se como dimensão indissociável do cotidiano, na medida em que os gestos de combate simbolizam, também, os enfrentamentos da própria vida social.

Considerações finais

O objetivo do presente trabalho foi compreender a “queda” como luta/brincadeira tradicional presente no cotidiano da Baixada Maranhense, especialmente no município de Monção–MA, bem como expressão de lazer e bem-estar em um contexto educativo comunitário. Com base nos registros apresentados pelos sujeitos que compuseram a pesquisa, compreendeu-se que a “queda” permanece viva no imaginário dos moradores de Monção e região, ainda que em menor representatividade quando comparada à de gerações anteriores.

As análises também permitiram entender que a “queda” se estrutura a partir do contato direto entre os corpos, por meio de agarres, desequilíbrios e projeções. Além disso, desenvolve-se predominantemente em espaços comunitários, ambientes que influenciam diretamente na lógica da prática. Embora frequentemente descrita como espontânea e desprovida de uma formalização, observou-se a existência de regras implícitas e códigos éticos compartilhados, relacionados ao respeito mútuo, ao controle da violência e à manutenção do caráter lúdico da interação.

Outrossim, a “queda” revelou-se como importante espaço de lazer, bem-estar e aprendizagem social, no qual corpo, território e memória se articulam de maneira praticamente indissociável. As narrativas evidenciaram que aprender a “pegar queda” não se restringe à aquisição de habilidades específicas de luta, mas envolve processos mais amplos de educação corporal, vinculados ao cotidiano ribeirinho e rural da Baixada Maranhense.

Nesse sentido, a prática mostrou-se profundamente vinculada à memória coletiva e à história social local, descortinando sentimentos de prazer e de cuidado com o outro a partir da luta. As falas dos sujeitos associam a “queda” às experiências de infância, aos vínculos familiares, aos banhos de rio e às brincadeiras comunitárias, revelando-a como uma espécie de gatilho da memória. Ademais, as análises também sugerem que a manifestação carrega marcas de processos históricos de hibridização cultural, reunindo possíveis influências afro-brasileiras, indígenas e europeias, ressignificadas no contexto regional.

Assim, a pesquisa reforça que as práticas corporais constituem importantes chaves para a compreensão do cotidiano. Ao mobilizarem gestos, emoções, regras e formas específicas de interação, elas tornam visíveis dimensões muitas vezes naturalizadas da vida social. A “queda”, nesse contexto, sobleva uma perspectiva de corpo não apenas como expressão da cultura, mas também como produtor.

Em contas finais, entende-se que compreender manifestações corporais tradicionais implica acessar modos particulares de organização da vida social, das relações e formas de existir em determinados territórios. Cair, equilibrar-se, adaptar-se ao barro, à água e às superfícies instáveis configuram aprendizagens incorporadas, as quais conferem à “queda” singularidade enquanto manifestação corporal genuinamente maranhense, enraizada nas dinâmicas socioculturais locais.

Por isso, ressalta-se a necessidade de proposição de novas pesquisas que tenham como ponto de partida os significados que transversalizam as lutas comunitárias e regionais sob a perspectiva dos próprios sujeitos locais.

Referências

- Barreira, C. R. A. (2010). Uma análise fenomenológica da luta corporal e da arte marcial. In *Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos* (Vol. 4). Rio Claro, SP: UNESP.
- Blumer, H. (1980). *A natureza do interacionismo simbólico*. In D. Mortensen, *Teoria da comunicação: textos básicos*. São Paulo: Mosaico.
- Bracht, V. (1999). A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Cadernos Cedes*, 19(48), 69–88.
- Bracht, V. (2013). Educação Física & Saúde Coletiva: reflexões pedagógicas. In A.B. Fraga, Y.M. Carvalho & I. M. Gomes (Eds.), *As Práticas Corporais no Campo da Saúde*. (pp. 178-196). São Paulo: Hucitec.

Cabral, A. (1985). *Jogos populares portugueses*. Porto: Editorial Domingos Barreira.
Cascudo, L. C. (2012). *Dicionário do folclore brasileiro* (12ª ed.). São Paulo: Global.

De Oliveira, V. J. M. (2019). O tema da saúde na educação física escolar em três periódicos da educação física brasileira. *Conexões*, 17, e019015.
<https://doi.org/10.20396/conex.v17i0.8654678>

De Oliveira, V. J. M., Martins, I. R., & Bracht, V. (2015). Projetos e práticas em educação para a saúde na educação física escolar: possibilidades! *Journal of Physical Education*, 26(2), 243.
<https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i2.25600>

Dimenstein, M, Leite, J, Macedo, J P, Dantas, C. (2016). *Condições de vida e saúde mental em contextos rurais*. São Paulo: Intermeios: Brasília: CNPq; Natal: UFRN; Teresina: UFPI; FAPEPI/CNPQ/ UFPI.

Elias, N. (1990). *O processo civilizador: Uma história dos costumes* (2ª ed.). São Paulo: Zahar.

Elias, N. (1997). *Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Zahar.

Elias, N., & Dunning, E. (1992). *Em busca da excitação*. Rio de Janeiro: Difel.

Faria, A. Júnior (1996). A reinserção dos jogos populares nos programas escolares. *Motrivivência*, 6(9), 44–46.

Farias, M. J. A., & Wiggers, I. D. (2021). “É como se fosse um ringue de mentirinha”: brincadeiras de luta, cotidiano e culturas infantis na escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 43. <https://doi.org/10.1590/rbce.43.e011620>

Farias, M. J. A., & Wiggers, I. D.(2024). Análise ortogonal do brincar e do brigar: cotidiano e práticas corporais infantis. *Cadernos de Pesquisa (UFMA)*, 3(1). <https://doi.org/10.18764/2178-2229v31n1.2024.12>

Farias, M. J. A., Ferreira, F. M., & Souza, A. L. de. (2024). “A gente brinca junto, mas nem liga que é cada uma de um jeito”: produções culturais infantis e marcadores sociais da diferença. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 46. <https://doi.org/10.1590/rbce.46.e20240070>

Freitas, D. B., Miranda Silva, J., & Galvão, E. F. C. (2009). A relação do lazer com a saúde nas comunidades quilombolas de Santarém. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 30(2), 89–105. <https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338537007.pdf>

Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

Huizinga, J. (2005). *Homo ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.

Ingold, T. (2015). *Estar vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes.

- Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes.
- Mauss, M. (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EDUSP.
- Pais, J. M. (2003). *Vida cotidiana: Enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez.
- Pais, J. M. (2009). *Sociologia da vida quotidiana* (3ª ed.). Lisboa: ICS.
- Sautchuk, C. E. (2021). *O arpão e o anzol: Técnica e pessoa na Amazônia*. Brasília: Editora UnB.
- Santos, C. R., Antunez, B. F., Souza, A. L., Letieri, R. V., & Farias, M. J. A. (2023). Infância e movimento em tempos de pandemia: um relato de vivências pedagógicas em uma escola do campo em Tocantinópolis – TO. *Revista Com Censo*, 10(1), 129-135.
- Signorini, G. S., Ribeiro, L. P., & Rojas-Andrade, R. (2024). Psicologia escolar rural: conexões, fronteiras e relatos latino-americanos. *Revista de psicologia (Santiago)*, 33(1), 92-103. <https://dx.doi.org/10.5354/0719-0581.2024.71900>
- Silva, A. M., Medeiros, F. E., Lazzarotti, A. Filho, Silva, A. P. S., Antunes, P. C., & Leite, J. O. (2009). Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais. In J. L. C. Falcão, & M. C. Saraiva (Eds.), *Práticas corporais no contexto contemporâneo: (in) tensas experiências* (pp. 10-27). Santa Catarina: Copiart.
- Soares *et al.* (1992). *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez.
- Sousa, V. M., Farias, M. J. A., Freire, J. O., Letieri, R. V., & Souza, A. L. (2024). Affective memories of older adults regarding play in the far North of Brazil. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 9, e19169. <https://doi.org/10.70860/ufnt.rbec.e19169>
- Turner, V. (1974). *O processo ritual: Estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 23/05/2026
Aprovado em: 18/06/2026
Publicado em: 11/07/2026

Received on May 23th, 2026
Accepted on June 18th, 2026
Published on July, 11th, 2026

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Farias, M. J. A., Viana, R. N. A., & Bezerra, A. F. S. (2026). "A gente 'tarracava' mas também cuidava do outro": a 'queda' como expressão cotidiana de lazer e bem-estar na Baixada Maranhense. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 11, e20696.

ABNT

FARIAS, M. J. A.; VIANA, R. N. A.; BEZERRA, A. F. S. "A gente 'tarracava' mas também cuidava do outro": a 'queda' como expressão cotidiana de lazer e bem-estar na baixada maranhense. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 11, e20696, 2026.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 11	e20696	UFNT	2026	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------